

SEPARATA A CIDADE DE ÉVORA

III SÉRIE
Nº 3
2020



BOLETIM
DE CULTURA
DA CÂMARA
MUNICIPAL
DE ÉVORA

1919-2019 CENTENÁRIO ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA

Editor

Câmara Municipal de Évora

Diretor

Carlos Pinto de Sá

Presidente da Câmara Municipal de Évora

Diretor Adjunto

Eduardo Fernandes Luciano

Vereador da Cultura e Património da Câmara Municipal de Évora



Editorial

Em tempos de pandemia COVID-19, teria sido fácil justificar a suspensão deste nosso Boletim Cultural por questões financeiras.

Mas, estes tempos de pandemia são, também, tempos de obscurantismo e de tentativa, por alguns poderosos e seus seguidores, de regressão social e civilizacional. Procura-se que o medo tome conta das nossas vidas e das nossas mentes, procura-se a desconfiança face ao colega de trabalho, ao amigo ou ao vizinho, procura-se uma qualquer estrela amarela virtual...

O medo é uma excelente arma contra a consciência de classe, contra a solidariedade colectiva, contra a justiça social, pela preservação do sistema que atira mais uns milhões de trabalhadores para o desemprego, mais uns milhões de seres humanos para vidas vegetativas, enquanto pequenas élites sobre-enriquecem.

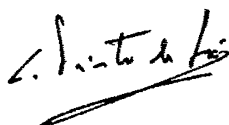
Dir-se-á que são palavras excessivas para o papel que o Boletim Cidade de Évora pode desempenhar neste contexto. Diremos que, num contexto em que a cultura, os seus agentes e trabalhadores são secundarizados, quando não desprezados; num contexto, em que os financiamentos a agentes culturais do Alentejo diminuem (quando aumentam para outras regiões!), em que estruturas culturais históricas, como o CENDREV, são empurradas para o encerramento; neste contexto... qualquer gesto, mesmo pequeno, de afirmação cultural é resistência e alicerce para um futuro libertário que não este presente.

Por alguma razão, uma frase de uma canção, disruptiva e proibida à data, ocorreu-me: “...*Que um dia em que se não come é um dia a menos para a morte...*” (Sérgio Godinho, 1972).

Esta edição do Boletim Cidade de Évora não é mais uma publicação, é este Boletim Cultural, nesta conjuntura!

Évora candidata a Capital Europeia de Cultura, em 2027, pode contar com este Boletim!

A todos os que, de alguma forma, para ele contribuíram, o nosso reconhecimento.

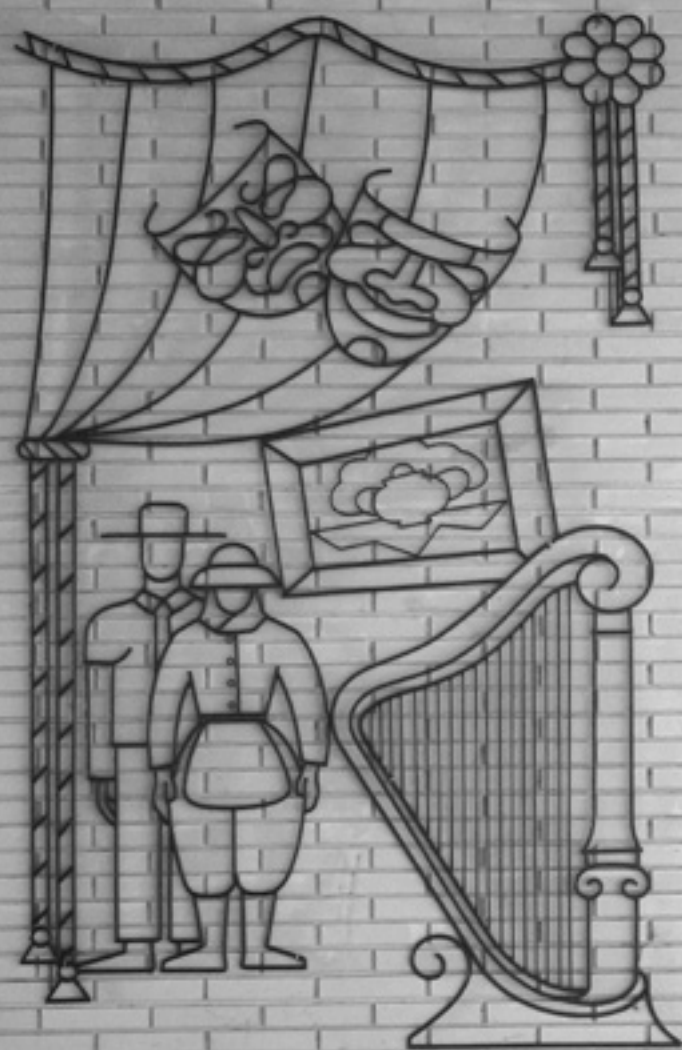


Carlos Pinto de Sá

Diretor

Presidente da Câmara Municipal de Évora

Outubro/2020



Com o futuro em permanente construção, aprofundar o conhecimento do passado e ter a coragem de inscrever no presente

Neste número do Boletim A Cidade de Évora, voltamos a ter a diversidade temática de muitas edições anteriores, tendo o património dito imaterial uma presença significativa através de artigos sobre a oralidade e o seu papel na transmissão de conhecimento e tradições e do seu valor enquanto fonte promotora de investigação em áreas tão diversas como o associativismo, o património literário, a forma de tornar o conhecimento acessível através de narrativas que correm sobre a pele de quem as escuta.

Nos artigos publicados neste número três da III série do Boletim sublinho a participação de investigadores cuja juventude não é impeditiva da produção de trabalhos de rigor e profundidade validadas pelos conselhos Científico e Editorial, o que me permite afirmar que o Boletim A Cidade de Évora irá continuar a ser um instrumento de divulgação científica e uma ferramenta de afirmação de investigadores e estudiosos muito para além das estritas fronteiras do mundo académico.

No ano em que Évora se afirma como cidade candidata a Capital Europeia da Cultura em 2027, esta edição é também a

afirmação de um caminho que queremos fazer para a construção de uma candidatura onde a Cultura seja tudo o que nos rodeia e nos afirma como eborenses e alentejanos abertos às experiências e fusões de sabedorias diversas e de múltiplas origens.

Contrariamente ao que parece ser uma opinião sedimentada em sectores mais conservadores, a afirmação da nossa identidade e forma de estar não fica em risco com a presença de outras culturas e de olhares diversos, mas quando nos isolamos numa espécie de endogamia cultural que leva necessariamente à extinção.

Conhecermo-nos através do aprofundamento do conhecimento do nosso passado poderá e deverá ser entendido como um caminho para afirmarmos que temos futuro. Nós e os outros, nós com os outros. Sem fronteiras, porque sem elas não precisamos de armas para as defender.

O Boletim A Cidade de Évora continuará a ser um importante veículo de divulgação cultural e científica na afirmação de Évora como cidade de cultura em permanente construção.



Eduardo Fernandes Luciano

Diretor Adjunto

Vereador da Cultura e Património da Câmara Municipal de Évora

Outubro/2020

Estrela da Liberdade Alves Faria

Um terço da vida

The early life of
Estrela da Liberdade Alves Faria

Fernando Luís Gameiro

Universidade de Évora / CIDEHUS, Portugal

fgameiro@uevora.pt

Sinopse

Estrela da Liberdade Alves Faria (1910-1976) foi uma pintora portuguesa que integrou o chamado Segundo Modernismo. Pouco estudada, é, até agora, desconhecida a sua fase de formação em Évora, cidade em que frequentou o Curso de Liores, na Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira. Igualmente inédita é a sua relação com o meio cultural eborense, em particular a exposição que realizou na cidade, em 1953, envolta em polémica, e na qual expôs um nu feminino que é hoje propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian.

Palavras-chave: Estrela Faria; «Política do Espírito» durante o Estado Novo; Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira; Escola Secundária Gabriel Pereira.

Abstract

Estrela da Liberdade Alves Faria (1910-1976) was a Portuguese painter during the so called Second Modernism. Since little has been researched about her, her education period in Évora, where she studied at technical school, is, so far, unknown. Likewise unpublished is her relation with the cultural milieu in Évora, particularly the exhibition she conducted in 1953, steeped into polemics and during which she exposed a nude female painting that is, nowadays, property of the Calouste Gulbenkian Foundation.

Keywords: Estrela Faria; «Política do Espírito» during the Estado Novo; Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira; Escola Secundária Gabriel Pereira.

Introdução

Estrela Alves Faria é, ainda, uma artista pouco estudada no panorama da história da arte em Portugal. O primeiro terço da sua vida é quase desconhecido e a sua relação com o meio cultural de Évora, com o qual manteve uma relação próxima durante parte da vida, é também um tema em aberto do ponto de vista historiográfico (FRANÇA, 1991 e PEREIRA, 1995).

A ênfase da investigação foi colocada, em primeiro lugar, no período em que Estrela frequentou a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira

(EICGP), na segunda metade da década de 1920, identificando a forma como a sua personalidade forte e o seu talento lhe permitiram afirmar-se como estudante. Considerado o contexto familiar e o testemunho das fontes orais, a frequência do Curso de Lavoros Femininos foi uma opção ditada também pela precoce sensibilidade para as expressões, em particular pelo desenho. A generalidade das raparigas que a acompanharam, no quadro da divisão sexista de tarefas em voga na época e da reduzida apetência do mercado de trabalho para o recrutamento de mulheres com qualificação profissional, estariam num processo de preparação para serem esposas e mães. Em segundo lugar, o texto realça a relação que a artista manteve com a imprensa, e com o meio cultural eborense, durante a década de 1950, altura em que a sua maturidade artística e mundanidade se destacavam no panorama nacional. Em suma, à parte a qualidade enquanto artista plástica, o percurso escolar e profissional de Estrela Faria destacou-a em relação às suas congéneres femininas.

A fase de formação em Lisboa coincidiu com o aprofundar da relação artística com a cidade onde nasceu. O facto de, enquanto frequentou a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira, ter mostrado o seu potencial artístico permitiu que fosse contemplada com uma bolsa da Junta Geral de Distrito, um apoio importante que suportou o Curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa (EBAL). Durante a fase da formação na capital, realizou em Évora, anualmente, entre 1930 e 1934, mostras do seu trabalho. Regressou em 1946, com a produção do painel para o Posto de Turismo e, em 1963, com o painel azulejar da Sala de Audiências do Tribunal de Évora. Mas foi em 1953, com uma exposição individual na Galeria «Urbana», que terá tido o momento mais controverso: um aspeto a que este artigo dará o devido destaque.

O foco da investigação foi dirigido para a reconstituição da desconhecida fase da infância e adolescência da vida de Estrela Faria. Mas é também necessário referir a sua integração no sólido setor cultural do Estado Novo, na fase em que os contornos identitários da política cultural foram definidos por António Ferro, figura tutelar das artes entre 1933 e 1949.

A conclusão do Curso de Pintura coincidiu com o período em que Ferro, liderando o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), apostava nos «mais novos dos novos», que corporizariam a segunda geração modernista, para encetar a sua «Política do Espírito». Estrela saiu diretamente da EBAL, onde se havia distinguido, recebendo a bolsa «Maria Vitória Terra» (legado Ventura Terra), para se integrar no grupo de artistas que asseguraram as dezenas de exposições patentes nos Salões de Arte Moderna promovidos pelo SPN e, a partir de 1945, pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI). A primeira das quatro participações teve lugar em 1934 e a última em 1949, coincidindo com a saída de António Ferro da tutela das Artes (RAMOS DO Ó, 1999). Neste intervalo, de entre muitos outros projetos e atividades, receberia uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura, que lhe

permitiu estudar em Paris, e trabalharia também na Exposição do Mundo Português (1940), a grande mostra cultural do Estado Novo.

Uma nota de agradecimento às pessoas sem as quais este trabalho não teria sido possível. À professora Luísa Gancho, docente da Escola Secundária Gabriel Pereira, que mediou o processo que permitiu entrevistar a sobrinha da pintora e aceder ao arquivo particular desta. A Sílvia Soares, a sobrinha, pela disponibilidade para nos receber, ser entrevistada e facultar o acesso ao seu arquivo particular. Ao professor Carlos Guerra, igualmente docente da Escola Secundária Gabriel Pereira, pela informação sobre as técnicas utilizadas por Estrela Faria nos dois trabalhos de infância mencionados no texto.

O tempo em Évora

Estrela da Liberdade Alves Faria nasceu em Évora, na Quinta dos Apóstolos, em 10 de novembro de 1910. O pai, o proprietário Miguel Joaquim Faria, republicano convicto, deixou-lhe no nome a chegada do novo regime instaurado poucos dias antes. Estrela era uma de entre sete irmãos que constituíam a prole de uma família remediada.

Nas cidades alentejanas, em média e quando comparadas com o norte do país, a alfabetização feminina era superior à masculina (GAMEIRO, 1998; 2011). Para Estrela, deste ponto de vista, e no quadro familiar em que o ideário republicano estava presente, a frequência da escola pública para a aquisição das competências essenciais seria um processo natural. O mesmo não se poderia dizer em relação ao prosseguimento de estudos secundários. O liceu, que em Évora existia desde 1841, apresentava uma frequência maioritariamente masculina e a oferta de ensino técnico à população eborense era recente. Só em 1914 o público feminino passou a dispor de uma escola aberta à população que oferecia uma fileira de formação feminina.

A aprendizagem dos chamados "Lares Femininos", um conjunto de atividades manuais consideradas próprias para a instrução das raparigas, integrava o currículo da formação primária e técnica elementar, num quadro educativo que não diferia do que caracterizava a vizinha Espanha (SARASÚA, 2002, pp. 281-297).



Figura 1 – Miguel Joaquim Faria, pai de Estrela, em data desconhecida. Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.



Figura 2 – Estrela Faria, aluna da escola primária (1920?).

No plano superior, é a quarta a contar da direita. Fonte: arquivo pessoal de Sílvia Soares.

O investimento na educação feminina, se visto na perspetiva da formação de capital humano, não seria rentável dados os condicionamentos existentes no mercado de trabalho feminino. De facto, só com muita dificuldade as jovens conseguiriam um emprego que justificasse um investimento prolongado em educação formal, sendo portanto mais interessante do ponto de vista económico manter as raparigas a cooperar de forma ativa na economia familiar.

Na cidade, algumas das meninas beneficiavam do facto de haver em casa quem dominasse a leitura e a escrita. As suas competências em matéria de aptidão efetiva para ler e escrever acabavam por ser reforçadas, o que pode explicar uma maior taxa de alfabetização feminina no meio urbano. O caso de Estrela Faria confirma.

Nas urbes, as mulheres alentejanas, segundo as estatísticas, eram mais alfabetizadas do que os homens, o que pode explicar também a sua significativa representação na nova escola de ensino técnico eborense.

Nesta instituição, o número de raparigas estava acima da média nacional, embora à maior alfabetização feminina não correspondesse um maior número de mulheres em relação ao número de homens a frequentar a escola. Entre 1914 e 1926, o número de raparigas não foi além dos 23% do número total de matrículas (GAMEIRO, 2011).

À mudança de estruturas políticas e jurídicas, a Iª República acrescentava, como indispensável, a formação de uma nova mentalidade. Reflexo dos anseios dos governantes da época, veiculou novos valores e padrões de comporta-

mento, reconhecendo o ensino como uma forma de incrementar a participação cívica. As mulheres não ficaram totalmente afastadas de algumas das novas dinâmicas sociais em particular no que respeita ao ensino técnico. As convicções republicanas de Miguel Faria, o pai, não terão estado arredadas desta fase formativa de Estrela.

Estrela matriculou-se na Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira no ano letivo de 1923-1924, no 1º ano de Desenho Ornamental e no 2º ano de Desenho Arquitetónico, dando início a um percurso que concluiria em 1927-1928 com a obtenção do diploma em Lavoros Femininos. Quando se matriculou, a escola era frequentada por 252 alunos. Quando terminou, era frequentada por 316 alunos, um crescimento sustentado, que se manteria até à atualidade, com picos de procura nos anos de 1950 e 1980 (GAMEIRO, 2020).

A dinâmica da EICGP era muito marcada pelo Liceu, instituição com a qual partilhava o edifício do Colégio do Espírito Santo. Desenvolvia práticas de apoio social (bodo aos pobres por ocasião do 1º de Dezembro), uma tradição dos seus vizinhos, mas apostava também nos seus traços distintivos, caso das grandes exposições de final de ano. Estas raramente passavam despercebidas na imprensa local: «Na EICGP a sua exposição anual (...) plena demonstração do sólido aproveitamento resultante de um ensino profissional orientado com proficiência – o ensaio e a prova – quer hajamos de verificar os indecisos emaranhados das rendas de duas agulhas. Na sala dos tapetes de Arraiolos prende-nos a atenção um grande e lindo tapete com motivos copiados do antigo, estendido no meio da sala»¹.

No quadro das dinâmicas escolares, as alunas, entre as quais Estrela Faria, propunham-se fazer reviver uma das tradições da cidade: a celebração do Santo António do Pandeiro, uma moda popular acompanhada por música de percussão com pandeiros ou adufes. O grupo era liderado pela aluna Joaquina Carreço Monteiro e o recital teve lugar no Convento do Salvador, à praça do Sertório².



Figura 3 – Estrela Faria, em 1924, com 14 anos, na Quinta dos Apóstolos, residência da família em Évora. Fonte: arquivo pessoal de Sílvia Soares.

¹ Districto de Évora. (06 ago. 1926).

² Districto de Évora. (10 jun. 1926).

Em matéria curricular, a EICGP encontrava-se na vanguarda do ensino profissional: por exemplo, o diretor, Santos Garcia, e o professor Raul Matroco eram autores de programas para as escolas técnicas. A influência política do corpo docente também era considerável, com vários docentes a desempenharem funções em órgãos de poder regional e nacional, incluindo as de senadores ou deputados (GAMEIRO, 2011).

O professor Manuel Joaquim da Silva Coelho terá sido marcante na passagem de Estrela Faria pela EICGP. De acordo com Sílvia Soares, sua sobrinha, a sua ida para a EBAL a ele se terá ficado a dever³.

Este docente teria um papel determinante na dinâmica da Escola, facto reconhecido pela imprensa regional: [A propósito da exposição de final de ano letivo] «Vai ciceroneando o professor [Joaquim] Coelho, explicando, revendo-se no produto da sua iniciativa. Porque o professor Coelho é na Escola um elemento de relevo. Deve-lhe muito a Escola como professor e como orientador»⁴.



Figura 4 – Estrela Faria com o seu antigo professor (anos de 1960), dos tempos da EICGP, Manuel Joaquim Coelho, na residência deste. A pintora visitava regularmente o seu antigo mestre.

³ ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA – [Entrevistas – Sílvia Soares]. 2019. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

⁴ Distrito de Évora. (06 ago. 1926).

Porém, a gratidão de Estrela para com este docente, contemporâneo da fundação da Escola Industrial da Casa Pia de Évora, ter-se-á ficado a dever também à sua intervenção na regulação de um diferendo existente entre uma mestra de Tapeçaria e a aluna. Este diferendo levou Coelho a apresentar uma moção no Conselho de Professores: «Tendo-se dado nesta Escola graves irregularidades nos exames de Tapeçaria e rendas do quarto ano industrial, tendo consistido essas irregularidades em a respetiva mestra ter mandado ir para sua casa, sem ouvir os restantes membros do júri, uma prova de tapetes a fim de ser ali executada; tendo uma das candidatas apresentado a sua queixa por este facto ao Sr. Diretor que imediatamente tomou as providências precisas para que a respetiva prova voltasse à Escola; para que tais atos se não voltem a repetir; o conselho deixando a quem de direito a parte disciplinar, mas não podendo nem querendo deixar de tratar convenientemente as partes pedagógica e moral, convida os futuros presidentes dos júris a tomarem as providências necessárias para garantir a genuinidade do ato, evitando assim futuros abusos»⁵.

Este episódio mostra também a existência de uma preocupação dos agentes educativos com a equidade e o rigor, tanto do ensino como da avaliação. Não é difícil compreender o ascendente que tanto mestres como professores teriam sobre os alunos. Não seria fácil para uma jovem de 16 anos encetar um processo de recurso de uma avaliação. Um clima de escola favorável pode ter sido potenciado pela presença de um corpo docente cons-



Figura 5 – Alunos da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira em atividade extracurricular (1928). Grupo de «Cantadeiras» em traje regional. Estrela Faria está em primeiro plano.

Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.

⁵ ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA – Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EI-CPE/A/A/001/Lv001-1914-1931, 08-10-1928.

ciente da equidade na relação entre agentes educativos e em que pontificavam nomes de referência na Iª República, como Domingos Rosado ou Santos Garcia. Fê-lo, com sucesso, e esse terá sido um momento marcante que nunca mais esqueceu. A sobrinha, Sílvia Soares, referiu-o na entrevista que nos concedeu, sublinhando a ligação entre Estrela Faria e Joaquim Coelho.

Concluído o «Curso de Aprendizagem Geral de Liores Femininos» e realizada a mudança para Lisboa, a deslocação regular a Évora incluía uma visita de cortesia ao antigo professor. O arquivo pessoal de Estrela contém uma fotografia que lhe recordava essa relação de admiração mútua (Figura 6). Joaquim Coelho não se terá poupado a esforços para apoiar a talentosa aluna, tendo-lhe conseguido, no quadro das relações clientelares que caracterizavam este período da nossa história política, a bolsa atribuída pela Junta Geral de Distrito que suportou a formação de Estrela na EBAL⁶.

A relação com a Escola manteve-se. Estimulada por Joaquim Coelho e justificando o apoio recebido da Junta Geral de Distrito, Estrela realizou, entre 1930 e 1935, quatro exposições na EICGP. As obras eram selecionadas do seu portefólio anual na EBAL e mereciam os maiores encómios da imprensa local: «No dia 27 passado numa sala da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira realizou-se a abertura da exposição de trabalhos executados durante o ano letivo findo pela aluna da Escola de Belas-Artes Sr^a D. Estrela de Liberdade Alves Faria, natural de Évora. A este ato assistiram admiradores da arte da expositora, que é realmente bastante»⁷.

Da sua passagem pela Escola Industrial Gabriel Pereira ficou um esboço de projeto de azulejaria de temática religiosa, em técnica mista sobre um suporte de tecido preparado, que os professores da época entenderam preservar. Integrou o espólio do museu escolar⁸.

Foi igualmente possível localizar aquele que terá sido o seu primeiro trabalho de pintura (figura 6).

⁶ ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA – [Entrevistas – Sílvia Soares]. 2019. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

⁷ A Defesa. (20 set. 1930).

⁸ Notícias d' Évora. (22 dez. 1956).



Figura 6 – Paisagem. Quinta dos Apóstolos em Évora. Técnica mista com têmpera e guache, datada de 1923, 52x34 cm. No verso do suporte, surge, pela primeira vez, uma estrela estilizada com a qual a artista assinaria alguns dos seus trabalhos e a indicação de que se trataria do «primeiro trabalho de pintura aos 13 anos». Estrela Faria frequentava o primeiro ano da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira. O trabalho terá eventualmente sido executado no âmbito da disciplina de Desenho. Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.

Figura 7 – Esboço de projeto de azulejaria de temática religiosa, em técnica mista sobre um suporte de tecido preparado, datado de 1926, 165x134, assinado por Estrela Faria.

Museu da Escola Secundária Gabriel Pereira. Fotografia de Joaquim Carrapato (2020).



Entre Lisboa e Évora

Terminada a fase de formação, durante a qual recebeu reconhecimento académico, Estrela Faria regressou ao ensino técnico, como docente, na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Nessa altura, iniciou colaboração com o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), dirigido por António Ferro, com quem se correspondia (LEANDRO, 2019, p. 33).

Em abril de 1953, Estrela Faria apresentou em Évora uma mostra significativa do seu trabalho. Pese embora o facto de a imprensa local sublinhar os seus progressos em resultado do «contacto com os principais mestres portugueses e franceses», as críticas informais terão incidido sobre a exibição de um quadro representando um nu frontal, obra que faz atualmente parte da Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Porém, o jornal *Notícias de Évora*, vigiado pela censura, não deixou de fazer o reparo «Temos que ver nos trabalhos expostos o processo artístico e as suas inestimáveis conquistas, no campo da serenidade e do domínio de certas experiências preciosas da vida (...) A artista que o é, até ao ponto em que os limites da sua condição de mulher o permitem»⁹. E os limites parecem ter sido ultrapassados: segundo a sobrinha, Sílvia Soares: «As pessoas ficaram muito escandalizadas com a minha tia. Houve comentários na família e também de pessoas conhecidas que se dirigiram à minha mãe»¹⁰. Era um sinal claro de um certo hermetismo da sociedade eborense pouco dada com o mundo que Estrela já tinha. Com duas décadas de vida em Lisboa, já havia beneficiado de uma bolsa do Instituto



Figura 8 – Exposição de Estrela Faria na Galeria «Urbana» em Évora, 1953. Na parede da direita (o 3º quadro), figura o nu feminino intitulado «Torso», um óleo sobre tela, 100x64 cm, pintado em 1949, hoje propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.

⁹ *Notícias de Évora*. (16 abr. 1953).

¹⁰ ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA – [Entrevistas – Sílvia Soares]. 2019. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.



Figura 9 – Em São Paulo, Brasil, 1954.

para a Alta Cultura (1938-1939) que lhe tinha permitido frequentar alguns dos *ateliers* dos principais pintores parisienses, absorvido o cosmopolitismo artístico de Paris e de capitais europeias de cultura como Amesterdão e Florença¹¹.

Por ocasião da exposição de 1953, a imprensa noticiou a ida de Estrela para o Brasil, de onde regressaria em 1958, depois de um percurso bem-sucedido, tanto no plano artístico como financeiro. Durante este período, manteve o seu nome na imprensa eborense, lembrando aos seus conterrâneos que iria regressar: «Esta apreciada pintora eborense, que se encontra em Copacabana (Rio de Janeiro) teve a amabilidade de nos enviar por via aérea um sugestivo cartão de boas festas que bem traduz o seu estado de alma: “nestes dias em que tanto me lembro da família e da minha bela Évora com os seus belos presépios e tradições, lhe envio os meus sinceros desejos por um Feliz Natal e que o ano que se inicia lhe seja inteiramente propício. Sempre grata Estrela Faria”. Registamos a amabilidade e daqui lhe endereçamos os nossos votos de um Natal muito feliz»¹².

¹¹ [Diário de Estrela Faria]. 1939. Acessível no Arquivo particular de Sílvia Soares. Portugal.

¹² Notícias d' Évora. (22 dez. 1956).



Figura 10 – Estrela Faria com o historiador de arte Reynaldo dos Santos em Amesterdão, Holanda, nos anos de 1950, onde se deslocou para observar o restauro de quadros de Rembrandt van Rijn. A arte de cultivar relações com personalidades da cultura e das artes foi uma constante. Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.

Conclusão

A obra de Estrela Faria não pode ser separada das suas vivências de adolescência, da sua formação escolar e académica, período durante o qual também estabeleceu ligações que manteve para a vida.

O trabalho escolar, inédito, que ficou como testemunho da formação de Estrela Faria em Évora, o estudo de um painel azulejar que é propriedade da Escola Secundária Gabriel Pereira, não deixa de prenunciar uma das vertentes do trabalho da artista na idade madura: a pintura e, em particular, a pintura sobre cerâmica. A sua vocação como pintora essencialmente académica também é compatível com a passagem pela Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira, instituição na qual deixou marca da sua personalidade vincada e da sua dedicação ao trabalho.

A formação na EBAL decorreu em paralelo com a preocupação em justificar o investimento da Junta Geral de Distrito de Évora na sua formação, através da concessão de uma bolsa de estudos. A realização de exposições regulares na cidade, entre 1930 e 1934, é testemunho do que se afirma.

Os painéis de azulejos no Posto de Turismo (1943) e na Sala de Audiências do Tribunal de Évora (1963) são as marcas da artista em Évora. Mas a exposição individual que apresentou na Galeria «Urbana», em 1953, mostra simultaneamente a ousadia da pintora e um choque cultural entre a sociedade eborense e uma artista que, para além da vivência artística na capital, já possuía (muito) mundo.

Finalmente, Estrela Faria tinha a noção de que, para viver da sua arte, precisava de a promover e de se promover. Algumas das referências na imprensa local, sobretudo dando relevo ao trabalho além-fronteiras, em particular na fase brasileira, são disso um bom exemplo. •

Bibliografia e Fontes

Bibliografia

A Defesa. (20 set. 1930).

Distrito de Évora. (06 ago. 1926 – 10 jun. 1926).

FRANÇA, José Augusto - **A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961.** Lisboa: Bertrand, 1991.

GAMEIRO, Fernando Luís – **Entre a Escola e a Lavoura.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.

Com Engenho e Arte. Lisboa: Colibri, 2011.

Elites e Educação. Lisboa: Colibri, 2017.

Gabriel Pereira. De escola industrial a secundária. Lisboa: Colibri, 2020. (no prelo).

LEANDRO, Sandra – **Considerar Estrela Faria. WAH!** Org. [por] Fundação Eugénio de Almeida. Évora: FEA, 2019.

Notícias d' Évora. (16 abr.1953 – 22 dez.1956).

Ó, Jorge Ramos do – **Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «Política do Espírito».** Lisboa: Estampa, 1999.

PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa.** Lisboa: Temas & Debates, 1995. vol. 3.

ROSAS, Fernando - O Estado Novo (1926-1974); colab. Fernando Martins, Luciano do Amaral, Maria Fernanda Rollo. In MATTOSO, José, dir. – **História de Portugal.** Lisboa: Estampa, 1994. vol. 7.

SARASÚA, Carmen - Aprendiendo a ser mujeres: las escuelas de niñas en la España del siglo XIX. **Cuadernos de Historia Contemporánea** [Em linha]. vol. 24 (2002), pp. 281-297. [Consult. 29 mar. 2020]. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/view/CHCO0202110281A/6926>. ISSN 0214-400-X.

SILVA, Joaquim Palminha – **Monografia. Freguesia da Sé e São Pedro.** Évora: Junta de Freguesia da Sé e São Pedro, 2011.

WALTERS, P.B. - Education and Gender: Historical Perspectives. In SMELSER, Neil, ed.; BALTES, Paul, ed. – **International Encyclopedia of Social and Behavioral Sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. pp. 4183-4186.

Fontes

ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA – **[Entrevistas – Sílvia Soares].** 2019. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICPE/A/A/001/Lv001-1914-1931, 08-10-1928.

FARIA, Estrela - **[Iconografia e diário de Estrela Faria].** 1939. Acessível no Arquivo particular de Sílvia Soares. Portugal.

Reprodução do estudo de painel azulejar da aluna Estrela Alves Faria. 1926. Acessível no Museu da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal.

**A Escola Gabriel Pereira
Ensino técnico e política educativa
(1919-2019)**

**The Gabriel Pereira School
Technical education and educational policy
(1919-2019)**

Fernando Luís Gameiro

Universidade de Évora / CIDEHUS. Portugal

fgameiro@uevora.pt

Sinopse

A Escola Secundária Gabriel Pereira assinalou em 2019 os seus cem anos de existência. Herdeira da antiga Escola Industrial e Comercial, é detentora de um passado que marcou a cidade em três áreas: no urbanismo, com a recuperação de antigos edifícios e a construção de novos equipamentos de ensino; na qualificação de recursos; e nas dinâmicas de ligação entre a escola e a comunidade. Estas três áreas de intervenção foram estudadas no contexto político em que se expressou a evolução institucional ao longo de três regimes políticos: na Iª República, no Estado Novo e na Democracia.

Palavras-chave: Escola Industrial e Comercial de Évora; Escola Secundária Gabriel Pereira.

Abstract

The Gabriel Pereira Secondary School celebrated in 2019 its 100th anniversary. Heir to the Industrial School, its past divided the city in three areas of intervention: intervention in city-planning, with the restoration of the Santa Clara Convent; intervention in the labour market by facilitating and qualifying the available manpower; and intervention in the connection between school and the community dynamics. The development in those areas was observed in the political context expressed throughout three political regimes: the 1st Republic, the Estado Novo and the Democracy.

Keywords: Escola Industrial e Comercial de Évora; Escola Secundária Gabriel Pereira.

Introdução

A formação de recursos humanos, aberta à comunidade e dirigida para o mercado de trabalho, remonta a 1914, altura em que entrou em funcionamento a Escola Industrial da Casa Pia de Évora e se deu início a um processo de segmentação com públicos e objetivos diferentes: por um lado, ensino técnico, orientado para o mercado de trabalho; por outro lado, ensino liceal, visando o prosseguimento dos estudos. Cinco anos depois, em 1919, esta escola foi integrada na rede de escolas oficiais e adquiriu, a partir dessa data, muitas das características que se manteriam até 1974. Após o 25 de

Abril, a unificação dos segmentos de ensino técnico e liceal transformou radicalmente o sistema de ensino e permitiu que a escola procurasse responder à procura crescente de educação pela sociedade portuguesa. No entanto, não só alguns dos traços desses primeiros cinquenta anos chegaram até aos nossos dias, como o último meio século consolidou a presença institucional.

A cronologia da política de educação em Portugal para o período de 1926-1974 tem sido indexada às mudanças de liderança na área da instrução e da educação públicas. Porém, no caso estudado, a existência de um corpo docente onde marcavam presença alguns dos protagonistas locais do regime da Iª República e a indefinição da política educativa para o ensino técnico até à década de 1940 terão contribuído para a manutenção de um clima de escola que foi sobretudo marcado pela continuidade, quando a nível nacional se identificaram mudanças (NÓVOA, 1999). Em Évora, as transformações foram mais visíveis a partir dos anos de 1950, com a nomeação de diretores recrutados fora do corpo docente e sem compromisso com a comunidade (GAMEIRO, 2020).

A estrutura que seguimos para a elaboração do texto baseia-se numa proposta de definição das etapas que marcaram a história da Escola Gabriel Pereira.

Origens: 1914-1919

A fundação do ensino industrial público em Évora, em 1914, ficou a dever-se aos decisores políticos da Iª República. Estes, em articulação com as elites locais, abriram ao público uma escola que beneficiou da tradição de ensino profissional que vinha sendo oferecida pela Casa Pia de Évora, desde 1836.

A vertente regional do ensino profissional esteve presente em grande medida devido à manutenção de alguns dos mestres e dos professores que trabalhavam na Casa Pia. Desde 1836, esta instituição formava sapateiros, marceneiros, carpinteiros e alfaiates. Sem surpresa, o decreto fundador da Escola Industrial contemplava estas áreas, oferecendo os seguintes cursos: Elementar de Comércio; Elementar de Agricultura; Carpintaria ou Marcenaria; Serralharia; Alfaiataria ou Sapataria. Em relação ao ensino praticado na CPE, a novidade era apenas a criação do Curso Elementar de Comércio¹.

¹ Ministério da Instrução Pública. Decreto n.º 873, de 17 de setembro de 1914.



Figura 1 – Entre os anos letivos de 1914-1915 e de 1950-1951, o edifício Colégio do Espírito Santo albergou as instalações da Escola Industrial e Comercial. Fonte: Arquivo do Liceu de Évora.

Criação: 1919-1926

Em 1919, sob a liderança do engenheiro agrónomo Santos Garcia, a Escola Industrial separou-se da Casa Pia de Évora e foi integrada na rede de escolas oficiais. Este ciclo da vida institucional ficou marcado pela elevação da Escola Industrial ao estatuto do qual beneficiavam as principais escolas congéneres, um importante marco que foi consagrado no Decreto n.º 5344, de 27 de março de 1919 (GAMEIRO, 2011a, pp. 52-61).

Não por acaso a data da publicação do diploma foi a escolhida para a comemoração do dia da Escola Secundária Gabriel Pereira. Esta instituição, que escolheria em 1919 o seu patrono, passou a ser dotada de valências e de organização que se mantiveram até ao final do Estado Novo.

Na época, a integração da Escola Industrial na rede de escolas do ensino técnico vira-se recheada de obstáculos, agravados pelas enormes dificuldades financeiras motivadas pela crise internacional, que coincidiu com o início da Iª Guerra Mundial, na qual Portugal participaria.

No plano interno, existiam também entraves importantes aos desejos manifestados pela maioria dos docentes. A Casa Pia de Évora, que tutelava a Escola e era administrada por figuras que aderiram ao movimento republicano, não estava disposta a prescindir de uma das suas valências mais importantes: o ensino profissional aberto à população eborense.

Em 1918 e em 1919, constata-se que a questão principal consistia no evidente interesse do seu corpo docente em passar para a dependência da administração central, desvinculando-se da sombra tutelar da administração da Casa Pia. Foi neste quadro que se jogou o futuro da nova instituição de ensino: entre a dependência da instituição assistencial que lhe tinha dado origem e a tentativa de autonomia com a sua vinculação ao Estado.

A fileira comercial começou a funcionar apenas em 1919, com a criação de uma Aula Comercial, que registou uma enorme procura. O Curso Elementar de Comércio teve início no ano letivo de 1921-1922. Esta oferta formativa foi insistentemente reclamada pelos parlamentares eleitos por círculos do Alentejo e tinha como função preparar os alunos para a entrada imediata no mercado de trabalho cidadão.

Em 1924, foi criado o Curso de Montadores-eletricistas como resposta às exigências do mercado da distribuição elétrica, uma área onde a Companhia Eborense de Eletricidade, fundada em 1905, se apresentava como a principal referência empresarial do setor. Este exigia a intervenção de técnicos qualificados para a instalação das redes domésticas e dos respetivos equipamentos.

A escolha do patrono

A escolha do nome de Gabriel Pereira para patrono não foi uma nota menor na história da instituição. Quando o professor Carlos Monteiro Serra apresentou a proposta ao Conselho Escolar, em maio de 1919, pouco depois do decreto da integração da Escola na rede, fê-lo num contexto de intervenção na vida pública da cidade. A integração na rede de escolas oficiais e a escolha do patrono correspondem à fundação de uma nova instituição de ensino público em Évora (GAMEIRO, 2011a, pp. 72-74).

A escolha do nome de Gabriel Pereira para patrocinar a instituição era a oportunidade para promover uma figura responsável por uma parte muito significativa da formação da identidade de Évora, a qual se ia estruturando em torno do culto da antiguidade (RODRIGUES, 2008, p. 319).

Carlos Monteiro Serra, que viria a integrar o Grupo Pro-Évora, tinha uma noção clara da importância de Gabriel Pereira para a promoção da cidade, como demonstra a proposta que apresentou ao Conselho Escolar: «Dos tempos modernos é o nome de Gabriel Pereira, homem de letras há

anos falecido, o que mais digno se torna das considerações e do respeito de todos os bons eborenses». O discurso prosseguiu depois com a lauda do caráter do cidadão e das qualidades intelectuais do erudito, não se dispensando de fazer referência aos emblemáticos *Estudos Eborenses*, com destaque para a importância da obra publicada sobre a cidade e os seus monumentos².

Entre 12 de abril e 31 de maio de 1919, denominou-se Escola Industrial de Évora, sendo que, a partir desta última data e até 1921, passou a Escola Industrial Gabriel Pereira. Com a criação do Curso Elementar de Comércio, passaria a ser designada por Escola Industrial e Comercial «Gabriel Pereira»³.

A reforma do ensino técnico de 1947/1948 retirou a designação do patrono às escolas do ensino técnico. A Escola passou a ser conhecida por Escola Industrial e Comercial de Évora. A recuperação do patrono deu-se em 1979, através da publicação da Portaria n.º 608/79, de 22 de novembro, ficando o nome da instituição fixado em Escola Secundária Gabriel Pereira.

Transição: 1926-1936

A década de 1930 é considerada pela historiografia como o período em que se define a matriz educativa do Estado Novo. Nesta época, dirigindo o Ministério da Instrução pontificou no elenco governamental Gustavo Cordeiro Ramos, uma figura próxima de Salazar e particularmente influente do ponto de vista ideológico. Ramos adaptou, com grande liberdade, os conceitos educativos da Alemanha do III Reich, construindo as fórmulas básicas a aplicar ao sistema educativo nacional (GAMEIRO, 2011b).

Contudo, as implicações para o quotidiano da EICGP foram reduzidas, fruto da permanência das lideranças e de um corpo docente integralmente constituído durante o regime anterior (GAMEIRO, 2020). Em contraponto, no Liceu, que partilhava as instalações do Colégio do Espírito Santo com a Escola, as mudanças, que incluíram uma nova liderança, foram mais significativas (GAMEIRO, 2017).

Na Escola, as alterações verificaram-se sobretudo ao nível curricular. A reforma do ensino técnico de 1931, consignada no Decreto n.º 20420,

² ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA – *Atas do Conselho da Escola Industrial da Casa Pia*. 1914-1931. Lv001, fls. 37v.-38. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICPE/A/A/001/Lv001-1914-1931.

³ *Idem*, fls.38 e seg.; a Escola passou a ostentar a designação de «Gabriel Pereira» de acordo com a Portaria n.º 1891 (D.G. n.º 139, 1.ª Série, de 16 de julho de 1919).

de 21 de outubro, consagrou a seguinte oferta formativa: Cursos de Carpinteiro Civil; Serralheiro Civil; Tapeceira; Costura e Bordados; e Curso de Comércio.

Por comparação com as restantes escolas do ensino técnico profissional, a EICGP tinha na formação de tapeceiras a fileira que mais a aproximava da referência às suas origens. Tratava-se, pois, da consagração do treino de operárias no fabrico de tapetes, em particular na técnica de Arraiolos, herdado das oficinas da Casa Pia de Évora.

Imposição: 1936-1948

Do ponto de vista historiográfico, a cronologia da política de educação em Portugal para o período de 1926-1974 tem sido indexada às mudanças de liderança na área da instrução e da educação públicas. Um dos períodos mais críticos coincide com a IIª Guerra Mundial (NÓVOA, 1999).

Numa primeira fase, entre 1936 e 1940, altura em que o Ministério da Educação era liderado por Carneiro Pacheco, foi notória a incapacidade do regime para conter o aumento exponencial do número de alunos e assim moderar a mobilidade social. Por esta razão, os responsáveis pela educação nacional sentiram-se obrigados a implementar o desenvolvimento de mecanismos destinados a controlar o aumento da procura, em particular do ensino liceal, encaminhando os candidatos ao prosseguimento de estudos secundários para o ensino técnico.

Em Évora, um dos traços dominantes durante este período foi a presença do Estado junto das instituições de ensino. Nesta fase, foi concluído o restauro do espaço do Colégio do Espírito Santo ocupado pelo Liceu de Évora e construído o parque desportivo junto à estrada de circunvalação.

Nada de semelhante se passou no piso superior ocupado pela EICGP. Contudo, em 1941, a visita do Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, ao Liceu, incluiu uma vistoria ao «Convento de Santa Clara para onde se pensa transferir as instalações da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira»⁴.

A imprensa noticiou também a presença do Presidente da Junta de Construções do Ensino Técnico Liceal, que terá vindo colher elementos para a solução definitiva das instalações do Liceu e da Escola⁵.

⁴ O Primeiro de Janeiro. (23-11-1941).

⁵ O Primeiro de Janeiro. (06-03-1941).

Rilley da Mota, diretor-geral do Ensino Secundário, em 1941, e José Frederico Ulrich, Ministro das Obras Públicas, em 1948, este já no quadro do plano de obras destinadas a implementar a reforma de ensino técnico de 1947-1948, também estiveram em Évora com o objetivo de observar as obras de adaptação do Convento de Santa Clara a Escola Industrial. Estes altos responsáveis políticos completam a lista dos governantes que se deslocaram a instituições de ensino eborenses⁶.

O programa de construções escolares foi uma das formas de afirmação do Estado Novo na cidade, contrapondo-se aos escassos resultados obtidos, nesta matéria, tanto durante os regimes da Monarquia Constitucional como no da Iª República. Com o Estado Novo, foram efetuadas, entre outras, obras de restauro e ampliação do parque escolar liceal (1930-1941) e do ensino técnico (1948-1951), incluindo a construção de uma escola de raiz (1968-1970).

A Organização Nacional da Mocidade Portuguesa esteve particularmente ativa neste período, uma fase de afirmação suportada pelo ascendente dos regimes fascistas (até 1942) no quadro da evolução da IIª Guerra Mundial⁷.

Consolidação: 1948-1974

O ensino técnico ressurgiu com a reforma de 1947/1948. Na prática, este segmento acabaria por funcionar com uma tripla função: a de Liceu de via curta, onde pontificava a fileira de formação comercial, aquela que registava maior procura e que funcionava como alternativa mais económica para os empregos de «colarinho branco»; a formação de recursos com qualificação técnica; e, finalmente, a formação feminina.

A primeira função tentou continuar os esforços de redução da procura sobre o ensino liceal e formar recursos qualificados para alimentar os setores comercial, bancário, segurador e dos serviços, cuja expansão se intensificou a partir do primeiro quartel do século XX; a segunda procurou dar resposta às solicitações da indústria no pós-guerra, com a oferta dos Cursos Industriais; a terceira propunha-se garantir uma formação especializada, dirigida para o género feminino, visando confinar as mulheres ao espaço doméstico como boas esposas e mães de família.

A grande inovação foi o Ciclo Preparatório do Ensino Técnico Profissional que constituía o 1º grau no ensino pós-primário. Oferecia uma formação

⁶ Notícias d' Évora. (03-11-1949).

⁷ A Defesa. (06-12-1941).



Figura 2 – No ano letivo de 1951-1952, a então denominada Escola Industrial e Comercial de Évora foi instalada no Convento de Santa Clara, edifício sujeito a amplas obras de requalificação e adaptação. Fotografia: Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira.

geral e tinha na disciplina de Trabalhos Manuais, com uma carga horária de seis horas semanais, uma peça fundamental do currículo preparatório. Esta disciplina tinha características de orientação profissional e o seu programa podia variar em função dos interesses de cada escola (AFONSO, 2011 e GRÁCIO, 1998, p. 119).

A área de formação que facultava o acesso ao Instituto Comercial de Lisboa entrou em funcionamento no ano letivo de 1958, permitindo que Évora ganhasse uma nova centralidade. Em teoria, passou a ser possível o prosseguimento de estudos superiores a partir da frequência do ensino técnico na EICE. Na prática, e no quadro do levantamento de obstáculos ao prosseguimento para o ensino superior a partir das escolas técnicas, foi muito limitado o número daqueles que continuaram a estudar.

Os testemunhos das várias fases da evolução institucional podem ser identificados no museu escolar, recentemente objeto de reorganização. Inaugurado em 1956, durante a direção de José Piçarra de Carvalho, a instalação desta valência teve por base um conjunto de trabalhos académicos que estavam em depósito. O espólio foi significativamente alargado com a incorporação da

Figura 3 – Peças da «coleção colonial» do museu da ESGP. Reunida no início dos anos de 1960, é um dos testemunhos da presença da vertente nacionalista do Estado Novo na Escola. No caso, esta vertente foi associada à questão colonial e à condenação a que Portugal foi sujeito pela Assembleia-Geral da ONU.



«coleção colonial» no museu. Os objetos, oriundos das denominadas «províncias ultramarinas», incluíam espécimes da flora e da fauna e terão chegado por iniciativa do diretor Guedes do Amaral. O seu mandato foi marcado por uma adesão ao nacionalismo, espoletado, a partir de 1959, pela posição crítica da Assembleia-Geral da ONU relativamente à questão colonial portuguesa.

A proximidade entre Guedes do Amaral e Adriano Moreira, que era nessa altura Presidente da Sociedade de Geografia e que depois dirigiu o Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, permitiu implementar a chamada «educação colonial» (GAMEIRO, 2020)⁸.

Com a reorganização da rede escolar do ensino técnico, formaram-se os primeiros «agrupamentos» que permitiram alguns exercícios de gestão integrada. No caso de Évora, a Escola de Olaria de Viana do Alentejo, com uma existência autónoma até 1948, acabaria por ficar na dependência da rebatizada Escola Industrial e Comercial de Évora.

⁸ ESCOLA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ÉVORA – Entrevistas: Manuel Inácio de Brito. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002; Notícias d' Évora (28-11-1963); ESCOLA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ÉVORA – Entrevistas: Fernando Nunes e Joaquim Carrapato. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002.

A reforma de 1948 foi antecedida por um programa de requalificação do parque escolar do ensino técnico. Neste contexto, a EICE instalou-se no antigo Convento de Santa Clara, a partir do ano letivo de 1951-1952, depois de concluído o processo de obras de adaptação e de ampliação.

As novas instalações permitiram enquadrar as atividades de desporto escolar, graças à construção de um ginásio e de um campo de jogos no exterior. A rivalidade desportiva com o Liceu manteve-se. As novas infraestruturas desportivas, juntamente com a contratação de professores de Educação Física, os primeiros diplomados pelo então INEF, permitiram melhores desempenhos: a EICE passou a ombrear com o Liceu em matéria de resultados desportivos.



Figura 4 – **Arruada da Tuna da Escola Industrial e Comercial de Évora, no 1º de Dezembro de 1952.**

Fonte: Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira.



Figura 5 – **Equipa masculina de basquetebol da EICE em 1966, no campo de jogos do Liceu. A rivalidade desportiva entre a Escola e o Liceu marcou a história de ambas as instituições.**

Fonte: Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira.

As atividades culturais ganharam uma significativa expressão graças à polivalência do ginásio, que possuía um palco, no qual se realizavam regularmente espetáculos. A Tuna da Escola Industrial esteve ativa durante a década de 1950, embora as suas origens remontassem à década anterior. Esta, e a do Liceu, encontravam-se na Praça do Giraldo, local em que os tunantes se cumprimentavam, seguindo depois programas festivos diferentes.

Face ao grande crescimento do número de alunos nos anos de 1950 e de 1960, foi necessário construir instalações de raiz para o ensino técnico. A zona da cidade onde foi instalada a EICE comportava, desde o século XVI, parte da função escolar de Évora: a Universidade (1559-1759), a Escola Industrial (1914/1919-1950) e o Liceu de Évora (1841-1979).



Figura 6 – Fase inicial de construção de estrutura pavilhonar, em 1969, da Escola Industrial e Comercial de Évora na zona este da cidade. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora – DFT11518.

Entretanto, a abertura da Secção da EICE em Reguengos de Monsaraz e a criação dos Cursos Gerais e dos Cursos Complementares, respetivamente nos anos letivos de 1965-1966 e de 1972-1973/1973-1974, completou o processo de reformas iniciado no ano letivo de 1947-1948. Esta reforma, que visava responder às mudanças tecnológicas que emergiram após o fim da IIª Guerra Mundial, credibilizou o ensino técnico, dotando-o também de uma formação humanística. Facultava uma instrução mais ampla que potenciaria a mobilidade ocupacional, ainda que condicionada pelas dificuldades colocadas aos estudantes das escolas técnicas no acesso ao ensino superior. Este período terminou em 1973, com a reforma de Veiga Simão.

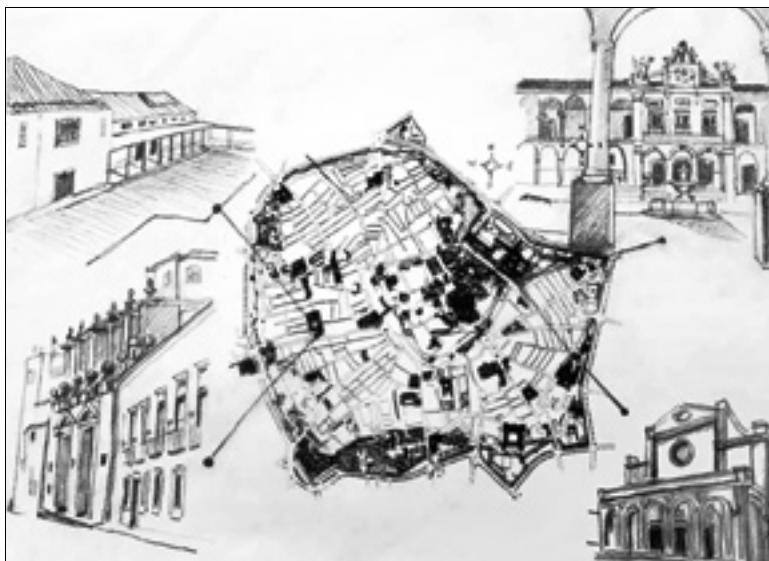


Figura 7 - A adaptação de parte do Colégio do Espírito Santo (1913-1914), e do Convento de Santa Clara (1948-1951) e a construção de uma nova escola (1968-1970) deixaram marcas na paisagem urbana de Évora. Diagrama de Leonor Serpa Branco.

Unificação: depois de 1974

Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, o marco mais relevante e duradouro foi a criação do Curso Unificado. Teve início no 7º ano de escolaridade, no ano letivo de 1975-1976, e, na prática, pôs fim à segmentação que esteve na base da criação da Escola Gabriel Pereira: ensino técnico, por um lado, com o seu público recrutado nos setores socialmente menos favorecidos; ensino liceal, por outro, selecionando nas classes média e alta da sociedade.

A reconfiguração da oferta abrangeu os Cursos Complementares do ensino secundário e do ensino noturno, cuja estrutura passou a ser idêntica nas antigas escolas técnicas e nos liceus.

Neste novo quadro, estas escolas começaram a ser designadas como secundárias e, no caso de Évora, ambas retomaram os no-



Figura 8 - Feira de Arte na Praça do Giraldo em 2017. Uma parte da dinâmica cultural da Escola Secundária Gabriel Pereira está associada à fileira de formação em Artes Visuais.

Fonte: Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira.

mes dos patronos que haviam sido suspensos durante as reformas do Estado Novo. O antigo Liceu passou a Escola Secundária André de Gouveia e a antiga escola técnica a Escola Secundária Gabriel Pereira.

As reformas recentes procuraram reconfigurar a segmentação do ensino em novos moldes. No mesmo espaço pedagógico, tanto na Escola Gabriel Pereira como na Escola André de Gouveia, coexistem segmentos de ensino técnico e de científico-humanístico.

As atuais instalações, construídas entre 1968 e 1970, objeto de obras de requalificação entre 2008 e 2009, continuaram a acolher as dinâmicas desportivas e culturais que haviam ganho expressão nas instalações do antigo Convento.

À exclusividade da área das Artes Visuais, passando pela oferta global nas áreas dos cursos científico-humanísticos e pela fileira de formação profissional, juntou-se uma dinâmica cultural significativa. Esta teve por base parcerias locais, a intervenção no espaço público, as atividades de intercâmbio nacional e internacional, ou a expressão dramática. Esta última surgiu associada aos desempenhos cénicos do grupo de teatro escolar «Temporal», nos anos de 1990 e de 2000.

A área de expressão dramática esteve presente na Escola desde os anos de 1920, altura em que foi levada à cena uma opereta, o «Milagre da Sr.^a de Aires», da autoria do professor Raul Matroco. Em 1990, foi constituído o grupo «Temporal» e, em 2016, o grupo «(In) Temporal». Este último integrou professores, funcionários e alunos do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira.



Figura 9 – Grupo de teatro "Temporal" em cena nos anos 2000. Fonte: Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira.

Um século de existência

O processo comemorativo dos 100 anos de vida da Escola consistiu na implementação de um amplo programa de atividades que teve lugar entre março de 2019 e o mesmo mês de 2020. Exposições, ciclos de conferências, publicações e outros eventos marcaram a agenda cultural da cidade. Destacam-se, de entre cerca de duas dezenas de iniciativas, os seguintes eventos: a exposição de fotografia retrospectiva na Feira de São João, os torneios de basquetebol e

voleibol entre escolas secundárias, a exposição de trabalhos, o ciclo de conferências a cargo de antigos alunos, o concurso de caricaturas de «Gabriel Pereira», o convívio com fados ou o lançamento de uma nova monografia sobre a Escola.

Conclusão

Em síntese, a génese da Escola remonta à Iª República, regime durante o qual se definiu estruturalmente. O período autoritário que se seguiu, marcado pelo centralismo burocrático e pelo controlo das práticas e dos agentes educativos, foi pródigo em matéria de intervenção no parque escolar. A instituição beneficiaria de instalações próprias que favoreceram a sua afirmação enquanto valência de ensino destinada a segmentos bem identificados da sociedade alentejana.

A partir de 1959, a condenação da Assembleia-Geral da ONU à posição colonial portuguesa permitiu à liderança da Escola intensificar as ações de cariz nacionalista. Dessa fase, entre outros testemunhos, ficou no espólio do museu escolar um vasto conjunto de artefactos e de exemplares da flora e da fauna das antigas colónias, destinados a reafirmar a política ultramarina portuguesa junto da comunidade escolar.

Contudo, o grande contributo da centenária instituição deu-se através da formação de recursos para o mercado de trabalho nas áreas da indústria e dos serviços, processo que se intensificou com a reforma de ensino técnico de 1947/1948. As alterações daí decorrentes contribuíram para configurar um liceu de via curta, que foi particularmente bem-sucedido na colocação de alunos nos setores bancário, segurador e dos serviços.

Depois de 1974, o processo de unificação e de massificação dos ensinos garantiu a continuidade da procura. Nos anos de 1980 e de 1990, já com a designação de Escola Secundária Gabriel Pereira, a instituição manteve-se como referência na cidade e na região, na área dos cursos noturnos, científico-humanísticos, nas artes e nas tecnologias. Os anos 2000 trouxeram o regresso à lógica do agrupamento de escolas, que existiu entre 1948 e o início dos anos de 1970, colocando novos desafios em matéria de afirmação e de identidade institucional. •



Figura 10 – Sessão solene comemorativa dos cem anos de existência da Escola Gabriel Pereira, em março de 2019.

Fotografia: Joaquim Carrapato.

Bibliografia e Fontes

Bibliografia

A Defesa. (06 dez. 1941).

AFONSO, Albérico – **Salazar e a Escola Técnica.** Lisboa: Parceria AM Pereira, 2011.

Decreto n.º 873. **D. G. I Série.** 169 (17-09-1914) 869-870.

Decreto-Lei n.º 37029. **D. G. I Série.** 198 (25-08-1948) 844-911.

GAMEIRO, Fernando Luís – **Entre a Escola e a Lavoura.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.

_ A Política educativa do Estado Novo. O ensino secundário liceal. In MARTINS, Fernando, coord. – **A Formação e a consolidação política do Salazarismo e do Franquismo.** Lisboa: Colibri; Évora: Universidade de Évora, 2011b, pp. 87-112.

_ **Com Engenho e Arte. A Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira durante a Iª República.** Lisboa: Colibri; Évora: Universidade de Évora, 2011a.

_ **Elites e Educação.** Lisboa: Colibri; Évora: Universidade de Évora, 2017.

_ **Gabriel Pereira. De escola industrial e comercial a secundária.** Lisboa: Colibri, 2020. (no prelo).

GRÁCIO, Sérgio - Ensinos Técnicos e Indústria. Uma perspetiva da sociologia. In PROENÇA, Maria Cândida, coord. – **O Sistema de Ensino em Portugal. Séculos XIX e XX.** Lisboa: Colibri, 1998.

Notícias d' Évora. (03 nov. 1949).

NÓVOA, António – Política de educação. In BARRETO, António, coord.; MÓNICA, Maria Filomena, coord. – **Dicionário de História de Portugal.** Porto: Livraria Figueirinhas, 1999. vol. 2, pp. 591-596.

O Primeiro de Janeiro. (06 mar. 1941 – 23 nov. 1941). Portaria n.º 1891. **D. G. I Série.** 139 (16-07-1919) 1.

Portaria n.º 608/79. **D. R. I Série.** 270 (22-11-1979) 2999-3010.

RODRIGUES, Paulo Simões - **A apologia da cidade antiga: a formação da identidade de Évora (Sécs. XVI-XIX).** Évora: Universidade de Évora, 2008. Dissertação de Doutoramento.

Fontes

CASA PIA DE ÉVORA – **Atas do Conselho da Escola Industrial da Casa Pia.** 1914-1931. Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICPE/A/A/001/Lv001-1914-1931.

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA – **Atas do Conselho da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira.** Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/A/002/Lv001-1931-1941; PT/AHESGP/EICGP/D/A/002/Lv002-1933; PT/AHESGP/EICGP/D/A/002/Lv003-1943-1955.

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA – **Atas do Conselho da Escola Industrial e Comercial de Évora.** Acessível no Arquivo Histórico da Escola Secundária Gabriel Pereira, Évora, Portugal. PT/AHESGP/EICGP/D/A/002/Lv004-1955-1966.

Equipa de Coordenação

Miguel Pedro (coordenação) Chefe de Divisão de Cultura e Património da CME
Jorge Lopes CME / Divisão de Cultura e Património

Conselho Editorial

António Carlos Silva Arqueólogo
Artur Goulart Historiador de Arte
Augusto Santos Fitas Professor Universitário (Reformado)
Aurora Carapinha Arquiteta Paisagista / Universidade de Évora
Miguel Pedro Chefe de Divisão de Cultura e Património da CME
Jorge Lopes CME / Divisão de Cultura e Património

Conselho Científico

Antónia Fialho Conde Universidade de Évora / Dep. História – ECS / CIDEHUS
Ema Pires Universidade de Évora
Fernando Branco Correia Universidade de Évora / CIDEHUS
Helena Murteira Universidade de Évora / CHAIA
Manuel Calado Arqueólogo
Maria Ana Bernardo Universidade de Évora
Maria de Fátima Nunes Universidade de Évora / IHC – Polo da U. E.
Paulo Simões Rodrigues Historiador de Arte / Universidade de Évora
Sofia Aleixo Universidade de Évora / CHAIA / IHC-CEHFCi;
Universidade Nova de Lisboa / FCSH / CHAM-SLHI

Secretariado de Redação

Orlanda Silva CME / Divisão de Cultura e Património

Design gráfico e paginação Ra\ves – Design de Comunicação
Imagem da capa Cromeleque dos Almendres (pormenor);
Desenho de António Couvinha
Impressão Sociedade Instrutiva Regional Eborensis (Gráfica Eborensis)
Tiragem 500 Exemplares
Depósito Legal 24621/88
ISSN 0871-1992
Évora Novembro 2020
Periodicidade Anual

Endereço

Boletim A Cidade de Évora / Câmara Municipal de Évora – Divisão de Cultura e Património
Praça do Sertório 7004-506 Évora / Tel: 266 777 000 / E-mail: nucleodedocumentacao@cm-evora.pt